

Un roman naturel

Gheorghi Gospodinov

Introdução de Zlatka Timenova*

Au bord du récit

Gheorghi Gospodinov, jeune poète et prosateur bulgare, publie *Un roman naturel* en 1999. La même année il reçoit le Prix spécial du concours national «Razvitié» pour meilleur roman bulgare contemporain. En 2000 le roman est réédité. Bientôt il est traduit en plusieurs langues étrangères. C'est le roman le plus vendu et le plus lu ces dernières années en Bulgarie. La critique, nationale et étrangère, est élogieuse et l'auteur est rangé parmi les grands de la littérature bulgare.

Le succès unanime de ce roman est-il une preuve de la vitalité du genre? Comment Gospodinov a-t-il su répondre au défi de la modernité qui prétend une crise de la représentation et de la référencialité? En adoptant une écriture au bord du récit, dans «l'ombre» féconde du commencement, dans l'espace entre fiction et diction. Entraîné dans un jeu toujours en promesse, le lecteur est grisé par la liberté de se mouvoir entre imagination et réalité, de plonger dans le silence des blancs qui séparent et relie des histoires et des personnages et, surpris, d'entendre dans ce silence sa propre voix dialoguer avec le texte.

Ce roman, au bord du romanesque, est avant tout un exemple de la force naturelle et des limites du langage humain qui construit et détruit des récits et des silences.

L'histoire commence pour s'évanouir et continuer quelques pages plus loin, toujours la même et différente, celle d'un couple en séparation. Parallèlement, d'autres histoires naturelles surgissent: l'histoire des toilettes, «le seul endroit libre de tout contrôle», «la seule utopie réelle d'où le pouvoir soit absent...» (p. 42)¹,

* Professora e investigadora na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

¹ Toutes les citations sont tirées de: Gheorghi Gospodinov, *Un roman naturel*, traduit du bulgare par Marie Vrinat, Paris, Phébus, 2002.

l'histoire des plantes, des mouches: «la mouche est l'unique créature à laquelle Dieu ait permis d'exister dans les rêves» (p. 66).

Le narrateur est aussi le personnage central, rédacteur d'un journal littéraire tout comme l'écrivain. Le clochard, un des personnages, est l'auteur d'un roman impossible sur le divorce... *Le roman naturel*. De surcroît, le clochard et l'auteur physique du roman portent le même nom, Gheorghi Gospodinov! Jeu de miroir, subtilement mené, où les figures du monde romanesque et du monde réel se doublent et se dédoublent pour faire éclater toute limite. Un jeu au bord du récit qui ne se déploie que pour glisser dans le silence d'une prochaine histoire naturelle en attente.

Le roman de Gospodinov est aussi un inventaire de connaissances naturelles, accumulées dans les livres, antiques et modernes, qui fécondent la réflexion et le discours de l'auteur: «J'ai compris que c'était dans les livres, et pas dans tous, /... / que se cachent les mots-mères prêts à s'envoler et à essaimer ce que je ne sais nommer.» (p. 138)

Nous offrons aux lecteurs portugais un extrait de ce roman naturel dans l'espoir de pouvoir mettre, un jour, à leur disposition le texte intégral tissé de «mots – mères» capables de procréer dans tout espace culturel.

Um romance natural

Gheorghi Gospodinov

(excerto)

Tradução do búlgaro de Zlatka Timenova e Maria Raquel Andrade*

1

Em cada segundo, existe neste mundo uma longa fila de pessoas que choram e uma outra, mais curta, de pessoas que se riem. Mas, há também uma terceira fila, que já não chora, nem ri. A mais triste de todas. É dela que desejo falar.

Separamo-nos. No sonho, a separação está unicamente relacionada com o abandono da casa. No quarto, tudo está embrulhado, as caixas arrumadas chegam ao tecto, mas, apesar disso, há muito espaço. Os corredores e os outros quartos estão cheios de familiares, meus e da Ema. Cochicham, tentam não fazer muito barulho, atentos ao que vai seguir-se. Ema e eu continuamos junto da janela. Resta-nos partilhar um montão de discos de vinil. De repente, ela tira do envelope o disco de cima e lança-o com força pela janela. «Este é meu», diz. A janela está fechada, mas o disco passa através dela como se fosse através do ar. Instintivamente, tiro o seguinte e lanço-o também. O disco vai pairando como um objecto voador e gira em torno do eixo como num gira-discos, mas mais rápido. Ouve-se-lhe o silvo. Algures, por sobre os contentores do lixo, o disco dirige-se, ameaçador, no sentido de um pombo sujo que voa mais baixo. Por breves instantes, parece que o choque pode ser evitado, mas, logo depois, reparo, horrorizado, que o rebordo do disco se afunda suavemente no pescoço gordo do pombo. Tudo está a acontecer como se fosse numa cadência lenta e isso aumenta o horror. Ouvem-se nitidamente alguns sons breves, enquanto o disco vai cortando o pescoço. O osso da traqueia do pombo ressoa, durante um instante, enquanto atravessa a pista do disco de vinil. Apenas o início da melodia. Uma canção qualquer. Não me lembro bem. Os *Chapéus de Cherburgo*? Oh, *Paris*? O *Café dos*

* Professoras e investigadoras na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Três Pombos? Não me lembro. Mas, é verdade, ouve-se música. A cabeça separada continua a percorrer mais alguns metros, por inércia, enquanto o corpo cai suavemente no pó, em torno dos contentores do lixo. Sangue, não há.

No sonho, tudo é muito nítido. Ema debruça-se e lança o disco seguinte. Depois, eu. Ela. Eu. Ela. Tudo se repete com cada disco. O passeio em frente da janela está cheio de cabeças de pássaros, cinzentas, iguais, com olhos cobertos de membranas. Após a queda de cada cabeça, os familiares, atrás de nós, batem palmas freneticamente. Mitsa, a gata, permanece no parapeito da janela, lambendo os beiços com ar feroz.

Acordei com dores de garganta. No início, pensava contar o sonho à Ema, mas depois desisti. Era apenas um sonho.

2

O apocalipse também é possível num país isolado.

Comprei a cadeira de baloiço um sábado, no início de Janeiro de 1997. Acabava de receber o ordenado e a cadeira levou-me metade dele. Era a última, a um preço antigo, relativamente baixo, mas a incrível inflação durante aquele inverno realçava a loucura da minha compra. Era uma cadeira entrançada, que imitava o bambu, não era pesada, mas parecia enorme e incómoda de transportar. Era impensável gastar a outra metade do ordenado para apanhar um táxi. Carreguei-a às costas e fui a pé para casa. Caminhava, levava a cadeira às costas como se fosse um vendedor de cestos e captava os olhares dos transeuntes indignados pelo luxo que me tinha permitido. Alguém tinha de descrever a miséria no inverno de 97, assim como todas as outras misérias, a do inverno de 90, de 92... Lembro-me de uma senhora de idade que pedia metade de um limão, à minha frente, no mercado. Outros, à noite, rebuscavam as bancas vazias do mercado para descobrir uma batata que rebolara por acaso. Cada vez mais pessoas bem vestidas perdiam a vergonha e revolviam os contentores do lixo. Os cães uivavam esfomeados, ou atiravam-se em matilha aos transeuntes atrasados. Ao escrever estas frases avulsas imagino nas primeiras páginas dos jornais, títulos garrafais em grandes caracteres.

Uma noite, quando regressava a casa, encontrei-a assaltada. Tinham levado apenas o televisor. Sem saber a razão, o meu primeiro pensamento foi para a cadeira de baloiço. A cadeira estava no seu lugar. De certeza que não conseguiram passá-la pela porta, é demasiado grande: na altura tive de metê-la pela janela. Passei toda a tarde sentado na cadeira. Quando Ema regressou, tentou

várias vezes telefonar à Polícia, mas não fazia sentido! Já ninguém reagia às chamadas por assalto. Que se lixem! Continuava sentado na cadeira, acariciava as duas gatas, assustadas pela confusão (onde se teriam escondido durante o roubo?) e fumava, ferido, no que restava da minha dignidade masculina. Não podia defender nem sequer a Ema e as gatas...

Escrevi um conto.

Estão a assaltar o apartamento de uma família. No momento do assalto, só a mulher está em casa, tem 40 anos e o rosto acusa os primeiros sinais de falta de frescura. Está a ver uma telenovela. Os rapazes que irrompem em cena, jovens e de aspecto normal, não esperam encontrar ninguém em casa a essa hora, mas logo recuperam o sangue frio. Sim, a mulher parece também bastante assustada. Ela própria vai ao quarto de dormir buscar o dinheiro ao armário. Não se defende quando tem de tirar os brincos e os anéis. A aliança também? A aliança também. Sai a custo, está quase incrustada no dedo. De repente, quando os dois tentam levar o televisor – a propósito, o episódio da telenovela está ainda a passar – a mulher agarra-se a ele com força. Pela primeira vez, a voz dela sobe, pede-lhes que levem o que quiserem, mas que lhe deixem o televisor. Continua assim, de costas voltada para os dois homens, os seios esmagados contra o ecrã, decidida a tudo. Podiam empurrá-la facilmente, mas, de repente, ficam surpreendidos pela reacção inesperada dela. Ela repara na hesitação deles e adianta, de uma maneira ambígua, que podem fazer com ela o que quiserem, com a condição de lhe deixar o televisor. O negócio está concluído. «Vamos foder-te», disse um. Ela não se mexe. Eles levantam-lhe a saia com agilidade. Não há reacção. O rabo dela é ainda firme. O primeiro depressa acaba. O segundo atrasa-se mais. A mulher está agarrada ao televisor e não se mexe. Num momento, pede-lhes unicamente que se apressem por causa das crianças que regressam da escola. Isto faz renunciar definitivamente o segundo e os dois abandonam a casa. O episódio da telenovela tinha acabado. A mulher deixa, aliviada, o televisor e vai à casa de banho.

Como é que vão acabar os anos 90? Como um *thriller*, um filme de *gangsters*, uma comédia negra ou uma telenovela?

Nota do redactor

Eis a história desta história.

Na qualidade de redactor de um jornal literário da capital, recebi um caderno. Estava envolto num envelope feito à mão que tinha o endereço da redacção e o meu nome no sítio do destinatário. O envelope não tinha o endereço do remetente, a cola extravasava e tinha secado. Confesso que o abri com um certo nojo, que

não se dissipou quando tirei o caderno do envelope: cerca de 80 folhas, bastante amachucadas, escritas na frente e no verso com uma letra bem compacta. Tais encomendas de manuscritos nunca pressagiavam nada de bom para o redactor. Os autores, geralmente velhos teimosos, apareciam alguns dias mais tarde e perguntavam se a obra da vida deles, naturalmente, tinha sido aprovada para publicação. Sabia por experiência que, se não lho recusamos formalmente, logo de início, mas se, tocados pela idade deles, lhes respondemos com indulgência que ainda não lemos o manuscrito, eles iriam assediar-nos todas as semanas como soldados exaustos, decididos a continuar a batalha até o fim. E mesmo se o fim deles não estivesse longe, o estalo das suas bengalas dava-me logo vontade de praguejar como um carroceiro!

O estranho, no caso deste caderno, era o facto de não haver nem título, nem nome de autor. Arrumei-o no saco, ia dar-lhe uma olhadela em casa. Podia sempre devolvê-lo e aproveitar para dizer que só aceitamos trabalhos impressos. Assim, podia adiar as coisas alguns meses, pelo menos. À tarde, como de costume, esqueci-me do manuscrito. Aliás, ninguém apareceu nos dias seguintes para saber a resposta. Abri-o só uma semana depois. Parecia incrível, mas estava a ler um dos melhores textos desde que trabalhava como redactor. Um homem tentava falar do seu casamento falhado e o romance (não sei porquê pensei que se tratava de um romance) girava em torno da impossibilidade de se contar essa derrota. De facto, o próprio romance era difícil de contar. Publiquei logo um excerto no jornal e fiquei à espera de que o autor aparecesse. Numa pequena nota, acrescentei que o manuscrito tinha chegado à redacção sem a assinatura do autor, provavelmente por inadvertência, e que aguardávamos uma notícia dele. Passou um mês após a publicação. Nada. Publiquei mais um fragmento. E um dia, na redacção, apareceu uma mulher relativamente jovem. Fez um escândalo por causa de o jornal ter interferido na sua vida privada. Não que ela o lesse regularmente, mas uma amiga tinha-lhe mostrado os exemplares com os fragmentos que eu tinha publicado. Afirmava que os textos eram do seu ex-marido, que se lhe tinha metido na cabeça comprometé-la. E todos os nomes, nos textos, eram verdadeiros. Por isso, segundo a amiga, ela podia processar o jornal. Depois, de repente, a mulher começou a chorar, toda a sua raiva desapareceu. Nesse momento, ela até parecia simpática. Contou-me, com a voz sacudida, que o marido, dantes, era um homem formidável, que escrevia nas horas livres, e que até publicou algumas novelas. Confessou que não as tinha lido. Mas depois do divórcio, era como se tivesse enlouquecido. Agora, caído em desgraça como um vadio, vagueava no bairro, ficava muitas vezes no jardim ao lado do prédio dela, exactamente em frente da janela, para atormentá-la e comprometé-la aos olhos dos vizinhos.

– Pode dizer-me quem é?

– Não, deve descobri-lo sozinho! Dá voltas ao mercado do bairro, trazendo uma cadeira de baloiço. Não será difícil reconhecê-lo! E, por favor, deixe de publicar este texto, não aguento, disse ela, com uma voz inesperadamente baixa, e foi-se embora.

Arranjava comida como todos os vadios, mas era diferente. Não remexia nos contentores do lixo, pelo menos ninguém o tinha visto. Recolhia e devolvia papel usado. Era do tipo dos loucos sossegados. Vagueava no mercado, prestava pequenos serviços; à noite, guardava a mercadoria e recebia em recompensa tomates, pimentos, melancias conforme a estação. Os vendedores no mercado contaram-me tudo isto depois de me terem perguntado mil vezes se não era da polícia. Não sabiam muito.

Encontrei-o no pequeno jardim do bairro. Baloçava-se na cadeira, de maneira algo automática, como se estivesse em transe. Cabelo colado, *T-shirt* que tinha perdido a cor, calças de ganga, ténis usados e abertos na frente como bocas. E, ia esquecer-me, um gato vadio, esfomeado, dormia no seu colo. Fazia-lhe festinhas da mesma maneira automática. O homem não tinha mais de 40-45 anos. Fui avisado de que quase não falava, mas eu vinha com boas notícias. Apresentei-me. Pareceu-me que só sorriu ligeiramente, sem olhar para mim. Tinha comigo os dois números do jornal com os textos publicados. Quando lhe perguntei se ele era o autor, respondeu afirmativamente com cabeça, sem sair da sua indolência. Tentei explicar quanto o seu texto era bom, falei de uma futura publicação, perguntei se tinha outros trabalhos. Nenhuma reacção. Finalmente, tirei do bolso e dei-lhe todo o dinheiro que tinha, dizendo que eram os honorários. Era evidente que não estava habituado a receber dinheiro. Pela primeira vez, ficou atormentado, como se tivesse saído da estupefacção e olhou para mim.

– Estás a divorciar-te, não estás, meu? – O tom era quase amigável, parecia o de alguém que manifestasse compaixão.

Diabos o levem! Pensava que não estivesse escrito no meu rosto! Em todo caso, tinha melhor aspecto do que ele. Ainda nenhum dos meus amigos estava ao corrente do assunto. Havia só alguns dias que minha mulher e eu tínhamos feito o pedido de divórcio.

Perguntei-lhe outra vez como se chamava, encorajado, depois de ele se ter posto a falar.

– Gueorgui Gospodinov.

– Eu chamo-me assim – quase gritei eu.

– Bem sei – respondeu ele encolhendo os ombros, – antes lia o jornal. Conheço mais sete pessoas com este nome.

Não disse mais nada. Deixei-o onde o tinha encontrado e fui-me embora à pressa. Tudo encaixava como num folhetim de pouca qualidade. Pensei que podia

ligar à mulher e perguntar-lhe pelo nome. Antes de chegar à esquina não aguentei e olhei para trás. Continuava sentado na cadeira entrançada, baloiçando-se ritmicamente. Assemelhava-se a uma pequena mão de plástico como as que antes se colavam no vidro de trás dos carros.

Fui procurá-lo outra vez, um ano mais tarde. Entretanto, tinha encontrado uma editora que aceitara o manuscrito e só tinha que descobrir o homem para assinar o contrato. Não acreditava que pudesse arrastá-lo até à editora e por isso levava o contrato comigo. Era uma Primavera avançada. Já tinha recebido a confirmação do seu nome pela mulher e tinha que digerir a coincidência. Considerava-me culpado em relação ao homem, como se tivesse sentido repulsa por encontrar um pobre desgraçado com o mesmo nome que eu. No contrato com a editora, estava previsto um honorário decente de que ele podia, sem dúvida, usufruir. Dei uma volta no jardim do bairro, mas não o encontrei. Fui ao mercado. Perguntei a um dos vendedores com quem me parecia ter falado antes. Nada sabia. Tinha-o visto pela última vez no fim do Outono passado, em Outubro. Não ... no início do Novembro, talvez. A partir desse momento nunca mais tinha aparecido. Depois de ter dito isto, o vendedor fez um gesto vago com a mão e mencionou, como se fosse por acaso, o frio terrível desse Inverno, enquanto o Pêndulo (chamavam-no assim) tencionava passá-lo no baloiço, quer dizer na cadeira de baloiço. Entretanto, o homem vendeu um quilo de tomates, dois quilos de pepinos e alguns ramos de salsa bem verde, sem deixar de elogiar a sua mercadoria na minha presença. Disse isto com uma voz indiferente e ligeiramente estridente. A primeira coisa que tive vontade de fazer foi pisar todos os tomates, um após outro, depois arrancar todas as folhas da salsa e, finalmente, meter-lhe a cabeça neste puré. Como era possível que nenhum dos vendedores, com quem o vadio falava normalmente, não o tivesse ajudado nada? Não sabia bem como. Talvez, um pequeno quarto para passar o Inverno ou pelo menos uma cave... Mas, a minha raiva dissipava-se pouco a pouco e uma pergunta inevitável surgia: Por que é que eu não fiz nada para ajudar aquele desgraçado? Fugi do mercado, fui sentar-me num banco do jardim, não longe do lugar onde, há um ano, pela primeira vez e provavelmente a última, tinha falado com o homem da cadeira de baloiço. Ainda por cima, devido a um acaso estranho – por que é que o acaso sempre nos parece estranho – tínhamos o mesmo nome. Talvez, pensei, tudo tivesse tido outro rumo. Provavelmente, o homem se tivesse animado subitamente, ou a publicação no jornal o tivesse levantado da cadeira eterna e agora trabalhasse algures, ou tivesse recomeçado a escrever, tivesse alugado uma casa, ou tivesse encontrado outra mulher. Durante um momento, tentei imaginá-lo numa sala de um prédio social, em frente do televisor, de chinelas, calças velhas mas limpas, malha grossa, sentado como sempre na cadeira de baloiço. No colo, aquele mesmo gato vadio

que tinha visto e que ele acariciava, nesse dia. Quanto mais a minha mente lhe aperfeiçoava a imagem, mais irreal me parecia. Finalmente, peguei no contrato com a editora e fiz a última coisa que podia fazer pelo meu homónimo. Assinei-o.

3

Eles vagueiam no vazio, porque o vazio existe e, quando se unem, é a eclosão da vida, mas quando se separam, eis a morte.

Demócrito (segundo Aristóteles)

Flaubert sonhava escrever um livro sobre o nada, um livro sem nenhum assunto exterior, que «podia sustentar-se a si próprio, da força interior do estilo, como a terra permanece no ar sem nenhum apoio». Proust tinha materializado este sonho até um certo ponto, apoiando-se na memória involuntária. Mas ele também não conseguiu fugir à tentação da fábula. A imodéstia do meu desejo consiste no facto de fazer um romance de inícios. Um romance que começa, promete algo, vai até à página 17 e recomeça. Descobri a ideia, ou melhor, o princípio original de um tal romance na filosofia antiga, sobretudo nas três grandes figuras da filosofia da natureza, Empédocles, Anaxágoras, Demócrito. O romance de inícios iria repousar nestes três Titãs. Empédocles baseia-se num número limitado de princípios originais, acrescentando aos quatro primeiros elementos (terra, ar, fogo, água) mais dois, Amor e Ódio, que põem os outros em movimento e permitem as combinações. Mais cúmplice da minha ideia de romance era Anaxágoras. A ideia de *panspermii*, as sementes das coisas (mais tarde Aristóteles ia chama-los *homeomerii*, mas isto parece mais frio e impessoal) podia tornar-se a força fecundante deste romance. Um romance, composto de inúmeras pequenas partículas, de substâncias primárias, de inícios, que entram em combinações ilimitadas. Se Anaxágoras afirma que cada objecto concreto é composto por partículas semelhantes a ele, o romance podia compor-se unicamente de inícios. Então, decidi tentar servir-me de inícios de romances considerados clássicos. Podia chamar-lhes átomos, em homenagem a Demócrito. Um romance atómico de inícios, evoluindo no vazio.